

PUNCH

São surpreendentes alguns comportamentos de animais, mesmo selvagens, que chegam a nos servir de inspiração, para não dizer de exemplos a serem seguidos por nós, humanos, que nos gabamos de incontestável superioridade. No que tange ao cuidado com os filhotes, alguns chegam a extremos dignificantes. As fêmeas de jacaré, animais tidos como muito perigosos, carregam os filhotes na boca para afastá-los dos predadores. As elefantas, por sua vez, possuem uma espécie de maternidade coletiva, na medida em que todas ajudam a amamentar os filhotes do grupo. Outros animais sacrificam-se para ajudar um companheiro em dificuldade. É o caso dos morcegos-vampiros, que regurgitam sangue para alimentar o membro do grupo que não conseguiu caçar na noite anterior. É também muito conhecido e comentado o comportamento de golfinhos na proteção de pessoas humanas, o que já foi inclusive retratado em produções cinematográficas. Ainda, cachorros e gatos frequentemente também adotam filhotes órfãos de outra espécie, dando-lhes calor, proteção e alimentos.

Mas o que me surpreendeu vivamente foi o caso do macaquinho Punch, do zoológico de Ishikawa, no Japão. Abandonado pela mãe - será que entre os símios existe também o estado de perturbação psicológica conhecido como “puerperal”? - recebeu do zoológico um orangotango de pelúcia, ao qual se abraçava em busca de conforto, como se fosse sua própria mãe. Quando os outros macacos do grupo repeliam-no, Punch voltava ao seu brinquedo, comportamento que chamou atenção de todos, tornando-o uma atração no zoológico. Foi preciso até mesmo regularizar as visitas do público a ele, tamanha a popularidade que ganhou. Era com certeza necessário e importante, convém a essa altura

esclarecer, que se desse a ele alguma coisa em que pudesse se agarrar, uma habilidade importante para a vida e sobrevivência dos macacos. Aos poucos, contudo, o grupo de macacos adultos passou a aceitá-lo, de forma que Punch foi gradativamente deixando de brincar com o orangotango de pelúcia.

É sabido que os animais têm instintos, mas não propriamente inteligência como os humanos, apesar de algumas pessoas muitas vezes agirem, não custa lembrar, impelidas somente por violenta emoção. É o que acontece com a maioria dos autores dos chamados crimes de sangue.

Isso não acontece com os animais, que não guardam mágoa de ninguém. Gostam ou não gostam de alguém em razão de experiências anteriores que lhes ativam determinado comportamento instintivo. Por conseguinte, não se há falar, igualmente, que possam perdoar ou não uma pessoa. O que se pode dizer é que aquelas anteriores experiências negativas foram substituídas por outras que, ao contrário, lhes são gratificantes, de forma a não ativar, portanto, uma sobredita resposta agressiva.

Assim, quando um animal age de maneira que nos pareça bondosa e solidária, servindo-nos, como já falei no início da presença de crônica, até mesmo de exemplo a ser imitado, é na realidade atitude calcada em seus próprios instintos. Entre outros, o Instinto de sobrevivência e o de proteção à prole.

Severina ficou encantada quando lhe falei, na última vez em que nos encontramos, da encantadora história do macaquinho Punch. Foi então que ela me contou que, há muitos anos, cuidou de uma gatinha que se alimentava e se aninhava na quente pelagem da cadela Duquesa, em perfeita harmonia com os outros filhotes. “Nós temos muito que aprender com os bichos, seu doutor”, disse-me ela na ocasião.

**Desta vez, apresso-me em afirmar, estou de pleno acordo
com Severina...**

**Viganó
darly.vigano@gmail.com**